

EDITORIAL

“É preciso transver o mundo”¹

Gabriela Fiorin Rigotti²

Rosalia de Ângelo Scorsi³

Os versos de Manoel de Barros que foram escolhidos para alicerçar o 17º COLE – evento que comemora este ano seu trigésimo aniversário – consolidam pela força da palavra poética o que sempre foi o propósito do congresso: a expansão do espaço e do tempo da leitura. O verso fixa uma advertência ao leitor: é preciso transver o mundo! Palavra inventada, o transver indica que o mundo é para ser visto com olhos, memória e imaginação. A expressão normativa impregnou-se do verbo reinventado e traduz-se mais como um convite à renovação. O prefixo trans, carregado de motivação libertária e transgressora, incita-nos a que repensemos o ato de estar no mundo: de que mudanças falamos? Encontramos esboços de resposta não só na extensa programação do congresso que se aproxima, como também em cada seção desta Revista.

A começar pela consistente reflexão literária que foi proferida por Jorge Larrosa na Conferência de Encerramento do 16º COLE e agora é publicada na seção Palestras. A carta do autor aos leitores que ainda nascerão prevê um leitor longe das certezas absolutas, um leitor em transição, no lugar do exilado, estrangeiro e “estranhador”.

Um leitor atento e crítico está ciente dos diversos obstáculos encontrados na tentativa de consolidarmos as práticas de leitura e escrita como direitos do cidadão, a fim de que todos possam efetiva

e democraticamente usufruir e participar da sociedade cultural em que vivem: analfabetismo, seja absoluto ou funcional; baixo grau de letramento; despreparo docente para a formação de leitores e escritores; infrequência de bibliotecas e outros canais para distribuição e veiculação da produção literária, entre tantos outros. Os desafios sabidamente são grandes e constantes, como nos aponta Fábio Durão quando, em seu artigo, compara a pobre disseminação dos saberes literários na sociedade como um todo e a forte produção desses saberes em níveis acadêmicos.

Mas devemos insistir em atravessar as dificuldades e, para tanto, são necessários formação, empenho e imaginação – capacidades que, segundo Bachelard, fazem-nos capazes de deformar a realidade para compor mentalmente uma outra, mais condizente com a que almejamos: “imaginar é [...] elevar de um tom o real”⁴.

Esta busca por alternativas de trabalho em prol da leitura nos é assinalada no artigo de Luciene da Silva, que nos apresenta uma reflexão sobre a prática de leitura em voz alta para cegos, e no artigo de Elza Kissilevitc e Maria Celina Vieira, o qual propõe a escola como espaço privilegiado para a construção de uma sociedade leitora. Também nessa direção apontam o artigo de Luciane Hageneyer, que se refere ao estudo da literatura no Ensino

¹ BARROS, Manoel de. As lições de R.Q. In: *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 75.

² Coordenadora da Comissão Executiva Editorial, professora das Faculdades Integradas Maria Imaculada e pesquisadora do grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita – Alle, FE/Unicamp.

³ Rosalia de Ângelo Scorsi é doutora em Educação, pesquisadora convidada do Laboratório de Estudos Audiovisuais Olho (FE/Unicamp) e responsável pela arte da capa desta edição.

⁴ BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 82.

Fundamental, e o estudo de Rosana Koerner, que disserta sobre as diferentes práticas de leitura em crianças entre 5 e 6 anos.

Se a imaginação é qualidade essencial para conseguirmos idealizar e trabalhar pela democratização da leitura, os textos literários tornam-se material de riqueza inesgotável para a fertilização de sonhos e planos. Além da homenagem a Manoel de Barros no COLE deste ano e dos versos de Yolanda Monteiro presentes em nossa seção de textos literários, o universo literário também se apresenta a nós através do artigo de Yara Sena sobre a temática da morte nas obras de Cecília Meireles.

Formar o gosto pela leitura desde cedo e instigar a imaginação infantil também são condições essenciais para a formação dessa sociedade de leitores capazes e críticos. Monteiro Lobato, que completou em 2008 seu sexagésimo aniversário de morte, faz-se presente no artigo de Patrícia Pina sobre a constituição de sujeitos leitores

a partir da obra *Dom Quixote das crianças*. O escritor taubateano também aparece no estudo de Rosane Pereira, que disserta sobre o personagem Visconde de Sabugosa como representação do homem da ciência.

Imaginação para projetar o mundo, memória para rever e aprender com o passado. É da memória e de suas relações com a linguagem que trata o último artigo desta edição, escrito por Ana Lúcia Horta Nogueira. Memória que retém, faz persistir e permanecer aquilo que escolhemos para ser lembrado.

Também o 17^a COLE pretende ser retrospectivo, refletindo sobre sua própria história, e prospectivo, a fim de reforçar bases para propor outros e novos esforços pela democratização da leitura no Brasil. Seguimos, pois, relembando, observando e transvendo o mundo, vislumbrando e insistindo na construção de uma sociedade brasileira contemporânea que, de fato, possa ser chamada leitora!